I.

Em Franca: maioria absoluta para o "República em Marcha", partido do presidente Emmanuel Macron. Segunda volta das legislativas revela declínio dos partidos tradicionais. Também uma abstenção histórica.

E esta semana há Cimeira da União Europeia. A migração vai ser um dos temas em debate. Olhamos para os casos da Polónia, República Checa e Hungria. Os três países deverão ser alvo de processos por fecharam as portas aos refugiados.

Nesta edição ainda: Hungria aprova lei polémica que reforça o controlo do financiamento estrangeiro de Organizações não governamentais.

II.

Bem vindos ao Magazine Europa.

Em França, o novo partido do presidente Emmanuel Macron,República em Marcha, alcançou a maioria absoluta na segunda volta das legislativas.
Os partidos tradicionais diminuíram a representação parlamentar. A jornalista Ana Isabel Costa da Antena 1 dá-nos conta dos resultados.

A nova Assembleia Nacional francesa vai ser mais jovem, mais feminina e mais à direita. Certezas da votação feita em duas voltas, a última das quais este domingo.
O "República em Marcha" tem maioria absoluta, mas não chega aos 400 lugares estimados pelas sondagens. Os Republicanos são a segunda força mais votada e anunciam-se como o principal partido da oposição. Já os socialistas passam de partido dominante para um terceiro lugar. Em consequência disso, o secretário-geral demitiu-se depois do desaire eleitoral.
A Frente Nacional elegeu oito deputados, entre eles a líder Marine Le Pen, mas não conseguiu os 15 lugares necessários para formar um grupo parlamentar. Já a Extrema Esquerda de Jean-Luc Mélenchon, O França Insubmissa, conseguiu todos os objectivos, um grupo parlamentar e já anunciou o desejo de fazer um referendo para saber se os franceses consideram esta eleição legítima, devido à enorme abstenção, de que já se sabem os números oficiais – 56,6%.
Quase no final desta noite eleitoral há uma polémica com a eleição do antigo primeiro-ministro Manuel Valls, que levou mesmo a algumas escaramuças na sede de campanha. A candidata da França Insubmissa, adversária do antigo primeiro-ministro francês, contestou a eleição e anunciou mesmo que a vai impugnar. Vários apoiantes da candidata foram para a sede de Manuel Valls gritar e pedir a anulação. A polícia foi chamada, a contestação travada, mas subsistem dois candidatos a reivindicar a vitória numa das circunscrições de Paris. É o único caso conhecido nesta noite eleitoral francesa.

Ao telefone a partir de Bruxelas está Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa e consultor internacional baseado na capital belga.

ME: Victor, o partido de Emmanuel Macron, o República em Marcha foi criado no ano passado. Venceu as presidenciais, agora as legislativas. Qual a força deste homem e partido?

Victor Ângelo: *Emmanuel Macron é de facto a figura dominante na política francesa do momento. E a verdade é que estas eleições legislativas mostraram uma vitória esmagadora de Manuel Macron e do seu movimento. Um movimento que tem apenas algumas semanas de existência e que praticamente não pôde fazer campanha nos meios de comunicação social, porque como era um movimento novo, não tinha tempo de antena. Apesar disso, conseguiu esta vitória esmagadora. E isso significa várias coisas. Por um lado, que a população francesa quer uma renovação política profunda, ou seja, quer ver novas caras, quer ver uma nova maneira de fazer política. Também o movimento "A República em Marcha" conseguiu mobilizar os líderes locais, que se tinham distinguido pelo seu engajamento com organizações da sociedade civil. Além disso, eu penso que é fundamental frisar que a Assembleia Nacional francesa vai ter uma grande paridade em termos de homens e mulheres.*

ME: E o que representam estes resultados para os partidos tradicionais franceses?

Victor Ângelo: *Nós temos aqui uma ruptura com o passado, com os partidos que durante décadas se alternaram no poder e que partilharam o poder político. É na minha opinião uma derrota do carreirismo político.*

ME: Foi uma derrota também para a Frente Nacional de Marine Le Pen. Que futuro se pode esperar para a extrema-direita francesa?

Victor Ângelo: *Continua a ser uma ameaça. E é uma ameaça que não é apenas um fantasma, não é apenas um papão. Trata-se de facto de uma ameaça real, porque apenas não conseguiu eleger mais deputados porque o sistema eleitoral de duas voltas não permite eleger deputados a partidos que podem estar numa posição relativamente forte, mas não têm a maioria na circunscrição eleitoral. O que pode acontecer à extrema direita é vir a ganhar daqui a cinco anos as presidenciais. E se isso acontecer, e essa possibilidade não pode ser de todo excluída.... Aliás, o próprio Emmanuel Macron sabe perfeitamente disso e tem consciência de que os próximos cinco anos são anos de reformas profundas, ou então de preparação para uma vitória da extrema-direita. Se a extrema-direita ganhar as eleições presidenciais, depois ganhará as eleições legislativas. Penso que por isso que continuam a ser uma ameaça. De modo algum podemos considerar que a extrema-direita sai destas eleições sem futuro. Antes pelo contrário, acho que a extrema-direita continua a ser uma força muito importante em certas regiões de França e continua a ser uma possibilidade de governação se as reformas profundas que os eleitores franceses vêem como necessárias, não forem realizadas.*

III.

E começa já depois de amanhã a Cimeira da União Europeia. O evento de dois dias marca a saída da presidência de Malta, que será sucedida pela Estónia.
Brexit, emprego, segurança e migração são os temas em destaque neste encontro europeu..
Isto numa altura em que Bruxelas ameaça avançar com processos contra três países. A Hungria, Republica Checa e Polónia, que não cumpriram as obrigações previstas no programa de recolocação de refugiados.
O plano de distribuir 160 mil refugiados na Europa foi aprovado em Setembro de 2015. Na altura vários países votaram contra a medida, alegando questões religiosas, de segurança e de foro económico.
A Hungria deveria receber 1294 refugiados, não recebeu nem um.
Já a Polônia, que tinha como objectivo recolocar 6.182 estrangeiros, fechou por completo as portas à política e aos requerentes de asilo.
A República Checa recebeu 12 dos 2.691 migrantes previstos.
O comissário Europeu para as Migrações, Dimitris Avramopoulos disse que a União vai dar início a processos contra os infractores.

[Dimitris Avramopoulos: *A República Checa, Hungria e Polónia não tomaram até agora as acções necessárias. Por esta razão, a Comissão decidiu lançar procedimentos de infracção contras estes três estados membros. Temos de ser justos para aqueles estados membros que cumprem as suas obrigações*]

ME: Victor, a migração continua a ser um dos temas quentes da EU, que está agora mais fragilizada pelo Brexit e que, mais do que nunca quer união. Não deveria haver então outra disponibilidade por parte destes três países de receberem refugiados?

Victor Ângelo: *Estes são países que são muito nacionalistas, que têm uma grande homogeneidade em termos de cultura, de origem das pessoas. São sociedades muito pouco diversas, em que a diversidade étnica praticamente não existe e não estão de modo algum preparados para aceitar gente vinda de outras partes do globo. Ou seja, nós vamos continuar a ver a questão das migrações como uma das razões de fractura e de divisão dentro da União Europeia.*

ME: A ideia era recolocar cerca de 160.000 mil refugiados. Dados apontam para 21 mil. O sistema de recolocaçãoo tem sido um fracasso?

Victor Ângelo: *Total. A decisão foi tomada quase há dois anos, foi em Setembro de 2015 e na realidade os números mostram que os Estados-Membros não têm implementado essa decisão. Aliás, o que nós estamos a assistir é uma situação que cada um varre para a casa do vizinho ao lado, ou seja, considera-se que a questão das migrações não é um problema comum, quando na realidade é um problema da União Europeia, mas considera-se sim, que é um problema de cada um dos países, e assim, por exemplo, como os imigrantes ou os candidatos do refúgio chegam à Itália, consideram que é um problema italiano, os que chegam à Grécia consideram que é um problema grego e se se continuar a ver as coisas desta maneira, é evidente que isto só pode aumenta as tensões entre os países*

europeus e dar força aos movimentos populistas que na Itália e noutras partes da União Europeia são contra a migração e aproveitam esta falta de solidariedade entre os países europeus para mostrar que a Europa não está a funcionar e que por isso é melhor sair do espaço europeu.

ME: E agora voltando à Cimeira da União Europeia. Quase duas semanas depois das eleições legislativas no Reino Unido, que é que se pode esperar desta cimeira em relação ao Brexit?

Victor Ângelo: *A verdade é que a partir de 1 de Julho deste ano o Reino Unido deveria assegurar a presidência da União Europeia para o segundo semestre de 2017. Mas já não o vai fazer, o Reino Unido decidiu não ter a presidência da União Europeia, vai ser a Estónia e eu penso que a questão do Brexit vai ser uma questão muito importante, não só nesta cimeira desta semana, mas também uma questão muito importante que a Estónia terá de dirigir, de levar a cabo como país na presidência da União Europeia nos próximos seis meses. Aliás, os próximos seis meses vão ser determinantes para se perceber em que sentido vai o Brexit, ou seja, para se perceber qual vai ser a maneira como um lado e o outro vão aproximar esta questão do relacionamento do Reino Unido com a União Europeia.*

ME: E o que é que se pode esperar mais desta cimeira europeia?

Victor Ângelo: *A área da segurança e a área da defesa são neste momento uma das áreas primordiais na agenda europeia. E é também uma área que está a avançar de uma maneira coordenada e de uma maneira sustentada. E nomeadamente porque, por um lado, existe a ameaça terrorista e, por outro, o relacionamento com a Rússia continua a ser um relacionamento muito tenso. E também neste momento há também muitas dúvidas em relação ao tipo de aliança que vai continuar a existir entre a Europa e os Estados Unidos.*

IV.

E ainda na Hungria, nova lei reforça controlo do governo sobre ONGs financiadas por entidades estrangeiras. Grupos de direitos humanos já condenaram a decisão, que dizem servir para "obstruir vozes críticas da sociedade". Jornalista Marta Melo.

Viktor Orbán, primeiro-ministro da Hungria, continua a ser criticado por pôr em causa a democracia e o Estado de Direito no país.
Budapeste aprovou uma lei que reforça o controlo do governo sobre ONGs financiadas por entidades estrangeiras.
Todas as ONGs que receberem anualmente mais de 24 mil euros de fundos estrangeiros devem, a partir de agora identificar-se como "organizações que beneficiam de financiamento externo". Caso não o façam arriscam-se ao pagamento de multas ou ao encerramento.
Budapeste defende que a nova medida pretende assegurar a transparência, combater a lavagem de dinheiro e o financiamento do terrorismo.
Mas várias organizações não governamentais já condenaram decisão.
O director da Amnistia Internacional para a Europa, John Dalhuisen, disse que não tem nada a ver com transparência. Trata-se de obstruir e desacreditar vozes críticas da sociedade.

A "Lei da Transparência" é aprovada apenas dois meses depois do governo húngaro ter passado uma emenda, também controversa, à Lei do Ensino Superior.
A alteração, que ameaça o encerramento da Universidade Centro-Europeia, proíbe universidades e institutos registados no estrangeiro de emitir diplomas. Exige também às universidade estrangeiras que tenham um pólo de actividade no país de origem.
A Universidade Centro-Europeia foi inaugurada em 1991 pelo milionário norte-americano, nascido na Hungria, George Soros. É vista como um farol de liberdade.
A aprovação da lei originou protestos, com milhares de pessoas a saírem às ruas de Budapeste.

ME: Victor, a amnistia internacional referiu também que esta lei é uma espécie de reencarnação da lei do "agente estrangeiro" aprovada pela Rússia em 2012 pela qual as ONGs são obrigadas a declarar fontes de rendimento. O que é que isto representa?

Victor Ângelo: *Viktor Orban parece ser um saudosista, digamos assim, do relacionamento que existia entre a Hungria e a União Soviética no passado. A verdade é que ele tem uma grande admiração por Putin e, por outro lado, está a copiar aquilo que Putin fez em relação às ONGs. Outro aspecto é que Viktor Orban, apesar de ter alguma força dentro da cena política húngara, não tem uma força muito sólida e, por isso, ele não quer de forma alguma que surjam contrapoderes. A sua grande preocupação é consolidar mais o seu poder interno e, por isso não vê com bons olhos as acções das organizações da sociedade civil.*

ME: E este braço de ferro entre Bruxelas e Budapeste tem vindo a escalar. Vai ser difícil travar Viktor Orban?

Victor Ângelo: *Orban sabe que vai ganhar o braço de ferro, essa é a minha opinião. Na realidade, Orban pertence à mesma família política que domina as instituições de Bruxelas. Ele é parente político de Jean-Claude Juncker, é parente político de Donald Tusk, ou seja, eles são todos membros influentes do Partido Popular Europeu. E o Partido Popular Europeu precisa dos deputados húngaros no Parlamento Europeu para ter a maioria.*

ME: Tem-se assistido a um ataque generalizado aos valores democráticos um pouco por todo mundo. O que se passa com a democracia?

Victor Ângelo: *A democracia no ano de 2017 é uma democracia muito mais repartida, nomeadamente por causa das redes sociais. Ou seja, as pessoas estão muito mais perto do poder, podem criticar muito mais o poder, têm outras maneira de se organizar e isso evidentemente faz medo a quem tem o poder político. E por isso a reação dos dirigentes políticos tem sido de tentar contrariar esta democratização crescente, que as redes sociais trouxeram à vida democrática, ou seja, nós estamos a assistir neste momento a uma contra reacção dos políticos tradicionais em relação à democratização da democracia, ou seja, em relação à expansão por meio das redes sociais do acesso das pessoas à informação, do acesso das pessoas à crítica política e, por outro lado, da capacidade que neste momento vários grupos sociais têm de se organizar fora dos partidos políticos, fora dos esquemas tradicionais, nomeadamente através,*

por exemplo, do facebook ou de outros instrumentos que neste momento são acessíveis a toda a gente.

V.

Ao telefone Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa. Para a semana voltamos à conversa. Em destaque Helmut Kohl, antigo chanceler alemão. O homem que uniu o país. Morreu sexta passada aos 87 anos.

Antes de terminar, uma nota cultural sobre o Festival Roskilde na Dinamarca, que começa este Sábado.
É um dos maiores eventos de música da Europa. Todos os anos atrai centenas de milhares de pessoas. Os lucros revertem a favor de sociedades de cariz humanitário ou culturais.
O Festival de Roskilde foi criado em 1971. Desde então tem recebido nomes grandes do rock e pop mundial. Rage Against the Machine, Beastie Boys, Björk, David Bowie, The Chemical Brothers são alguns dos exemplos.
Este ano realizam-se 174 concertos nos nove palcos do festival. Entre eles estão os norte-americanos Foo Fighters, os Canadianos Arcade Fire .... pode ouvir ficar com o Afrobeat dos The Kutimangoes da Dinamarca.
De 24 de Junho a 1 de Julho....Em Roskilde, que não é só a cidade mais rock and roll da Dinamarca. É também um testemunho vivo do passado viking do país.

Ficamos por aqui. Até para a semana!

VI.

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Rui Flores, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.
O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus + (mais).

Estamos no Facebook em Magazine Europa.